



Director literario:
António de Almeida
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Juarez de Almeida
 PAPUSSE

À FESTA

POR

GRACIETTE BRANCO

DESENHO de EDUARDO MALTA



FCH... ch... ch... três-tróis!
 ... três-tróis...

.....
 — Eh! «Zé Manel!»
 Eh! Góis!
 Vamos daí à festa!...

.....
 ... três-tróis...

.....
 — Aonde é, «pá»?
 — Sei lá!...
 — ...! Então!...
 — Então, o quê?!
 a gente logo vê...

.....
 ... Fch... ch... ch...

 Pum!...

.....
 — Ouviste?
 Olha: foi um
 morteiro!

... Pum! Pum! Pum!...

.....
 — Eh! «pá»!
 Vamos a ver
 quem chega lá primeiro...
 — Eh! «Zé Manel!»
 Eh! Góis!

.....
 Fch... ch... ch...

 ... três... três... três...

OS TRÊS CAPRICHOS DA PRINCESA

POR JOAO DA SELVA
Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

CAPÍTULO III NO PAÍS DAS NÉVOAS

O segundo príncipe dirigiu-se para o norte e depressa chegou a uma região onde o sol se escondia constantemente, ora em pesadas névens, ora por por detrás de transparentes névoas azuladas que o tornavam frio e pálido.

Preguntou se para aqueles lados havia quem tecesse véus com os fios de névoas e os bordasse a pérolas de orvalho. Todas as pessoas se riram e o julgaram doido, mas quando no meio dum bosque elle se supôs perdido por não ver viva alma durante alguns dias, appareceu-lhe uma linda criatura que perguntou ao viajante o que queria.

— Quero um véu de noivado para a minha noiva, — respondeu elle. — Sabes dizer-me se há aqui quem o teça?

— Hei-de tecê-lo eu, — replicou a formosa mulher. — Sou a Fada dos Orvalhos e ninguém os tece mais vaporosos. Agora é o inverno, — continuou ella, conduzindo através do bosque, o cavaleiro, — mas quando chegar o verão com as suas névoas azuladas da manhã, farei êsse trabalho para a tua noiva.

Por fim chegaram os dois a uma casa de gelo muito bonita, mas muito fria, onde a Fada dos Orvalhos, servida por várias fadas inferiores, tratou com grande amabilidade o seu hóspede.

Ele, a princípio, estranhou um pouco o frio daquele país

e a palidez doentia do sol, mas trataram-no tão bem que se habituou e achou-se lá perfeitamente feliz.

O seu coração foi arrefecendo, arrefecendo, com as coisas frias que o rodeavam e, quando chegou a primavera, não se lembrava já da sua noiva, nem da missão que ella lhe confiara. Era como se não tivesse nunca vivido senão ali.

Veio em seguida o verão e nas manhãs orvalhadas, viu tecer a Fada dos Orvalhos, sua protectora, os véus finísimos de que só ella sabia o segredo. Eram fios azulados de neblina, todos luzentes de pérolas de orvalho, tal como sonhára a princesa, mas nem a vista d'elles lhe recordou o passado porque o seu coração transformára-se em gelo e só o clima daquela terra lhe agradava agora.

CAPÍTULO IV O PAÍS DO SOL

O príncipe que viajára em direcção do sol nascente, chegou, ao cabo de muitos meses a uma terra de muito calor. A princípio estranhou um pouco, mas depressa começou a dar-se bem com a luz mais intensa do dia. Perguntou a todos quantos encontrava se sabiam de alguém capaz de fabricar um anel com os raios do sol, mas responderam-lhe com risadas, por o suporem doido.

Ao cabo de mais um mês de viagem, quando o verão



CORAÇÃO de OIRO

POR BALTAZAR

DESENHO DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez um ratinho muito pequenino, inda mal coberto de pêlos, talvez de mama, que, esquecendo as recomendações da sua mamã Ratazana, safu da sua toca, pulando de alegria.

Era uma linda tarde de maio, toda cheia de sol e de aromas das flores.

O pequeno rato, tal qual como os meninos turbulentos, saltitava num pequeno quarto onde o sol entrava a jorros.

A pobre ratazana-mamã já o procurava ansiosa por todos os cantos, mal supondo que êle se distanciara tanto!

Entretanto veio a noite e o ratito, sem atinar como buraco por onde fugira, passou a noite, acocorado, a um canto do quarto.

Veio a madrugada, voltou o sol, e o nosso rato já não brincava agora, cheio de susto e de fome. Só lhe lembrava a mãezinha e chorava. Eis senão quando os pequenos da casa dão com o pequeno fugitivo, e, numa alegria doida, batem as palmas ao vêrem um ratinho de carne e ôsso com que pudessem brincar.

Mas a sua mamã, que bem sabe os grandes prejuizos que os ratos causam, chama a criada para que lhe traga o gato: — Maria, traze aqui o Maltês...

Então, a alegria dum dos pequenos, transformou-se, súbitamente, numa indiscreto dôr e, banhado em lágrimas, suplicou: — Mamã, querida Mamãzinha, não quero aqui o gato que vai comer o ratinho. Ele é muito pequenino e a mãe

está a chorar por êle; deixe-o crescer que êle agora não rói coisa alguma. Quando for grande o Maltês o comerá.

E as lágrimas corriam pela face da criança descorada pela dor.

A mãe (que como todas as mães não podem ver chorar os filhos) mandou retirar a criada e o gato e deixou o pequeno roedor entregue à guarda da criança.

Mal a mamã voltou costas, o pequenino Baltazar (ê este o nome do herói desta proeza) pegou no ratinho e com todas as cautelas, foi metê-lo num pequeno buraco e, para ficar mais tranqüilo, tapou-o com uma tábua, não deixando o gato fazer



manobras todo aquele dia.

Ora aqui está como êste ratinho foi um grande felizardo. Encontrou um pequeno salvador que, não fazendo mal aos animais, leva a sua bondade a proteger até mesmo aqueles que nos são nocivos.



?

Meus
meninos

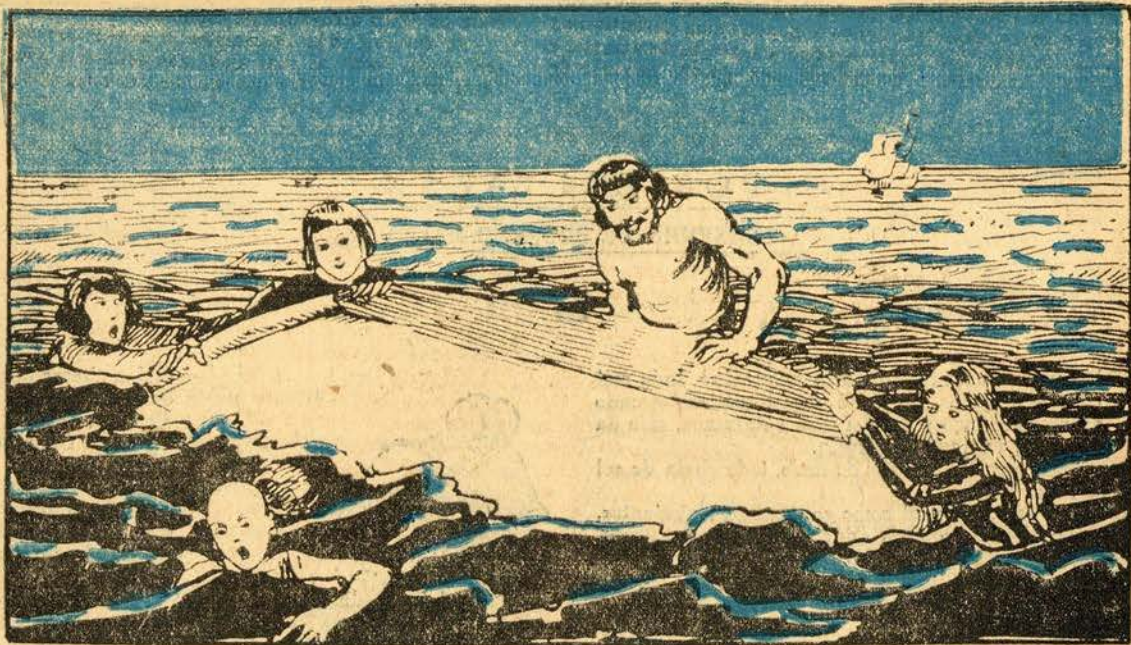
Vejam se
descobrem
onde se en-
contra o do-
no dêste
cavalo?

ADIVINHA PARA MENINOS PEQUENINOS

Qual será esta adivinha,
Que é varinha de condão
E ao tocar numa caixinha
Faz lembrar uma estrelinha
A brilhar na escuridão?!

COLABORAÇÃO INFANTIL





A TRISTE FEIA

Por JOAO DA SELVA

Desenho de EDUARDO MALTA

(A propósito do conto de D. Sofia Santo Tirso: — «Alegre-a-Linda»)



ERÁ uma vez um príncipe, herdeiro único dum grande rei, que não queria casar, por não ter visto ainda mulher que lhe agradasse.

Em todas as princesas que lhe apresentavam achava sempre defeitos, por mais bonitas e bem feitas que elas fossem.

O pai, vendô-se velho e doente, e receando morrer sem deixar assegurada para o futuro, a sucessão directa ao seu trôno, chamou o filho, quando este se

aproximava dos vinte e cinco anos, e intimou-o a escolher imediatamente uma noiva para casar no dia do seu vigésimo quinto aniversário.

Foram convidadas para o palácio, princesas de tôdos os reinos então conhecidos, alguns muito próximos, vizinhos mesmo, outros tão estranhos e afastados, que nem na raça, nem na linguagem se assemelhavam.

O príncipe, contudo, não dava importância a diferenças de tipos e de falas, conquanto a sua noiva plenamente lhe satisfizesse o gosto exigente e caprichoso, e o rei, cheio de indulgência, prometeu aceitar para nora, a escolhida do filho, sem atender a conveniências políticas, sempre respeitadas em casamentos principescos.

Começaram a chegar ao palácio as convidadas e o desde-

nhoso príncipe, rejeitava quasi todas, ao notar o mais ligeiro defeito, (por êle exagerado) nas pretendentes.

Uma por ser muito gorda, outra por ter apenas a pele e o ôsso, uma por alta demais, outra por baixa, esta pelo nariz grande, aquela pelos olhos pequenos, enfim, tantas foram devolvidas às suas respectivas côrtes, que só ficaram quatro, destinadas a uma escolha final; mas, entre estas, o príncipe havia de se decidir forçosamente, sob pena de seu pai, farto já de tantos caprichos, o desherdar a favor dum sobrinho seu.

O exigente noivo, hesitando sôbre qual devia cair a sua escolha, e, suspeitando, em todas, defeitos escondidos que, mais tarde lhe causassem decepção, lembrou-se de as sujeitar à seguinte prova:

Convidou as quatro princesas para um passeio de barco num lago perto do palácio, e, quando se achavam afastados da margem, fez virar tudo, de combinação com os remadores.

Tanto êles, como o príncipe, sabiam nadar e com facilidade endireitaram o barco e salvaram as navegantes, mas, neste desastre, é que se descobriram os pontos fracos das pretendentes.

A uma, que deslumbrara o herdeiro do trono com a abundância e belêsa dos seus cabelos loiros, ficaram êstes, (por serem postiços) nas mãos dos salvadores, deixando-a calva como um ovo: a outra, que parecia uma flor rosada e fresca, tirou o banho os pés e as pinturas, destapando-lhe a pele bexigosa e sardenta; e a terceira, que saíra triunfante da prova do mergulho, aconteceu um fracasso ainda pior.

Já novamente embarcada e a caminho de terra, o sol, do qual não se podia abrigar por ter caído ao lago o docel que cobria o barco, derreteu, pouco a pouco, uma perfeitíssima máscara de cera, que trazia sempre, e o seu rosto amarelo e enrugado, apareceu a descoberto, com grande espanto de quem a rodeava.

Nem ao menos era nova essa pretendente do príncipe, e a este, apenas restou a quarta princesa, a quem, nem o banho forçado nem os puxões nos cabelos, nem finalmente, a soalheira no barco descoberto, conseguiram desfigurar.

Sempre parecera a mais bonita aos olhos do caprichoso rapaz, e agora, provava-lhe à evidência serem genuínas a sua mocidade e formosura. Foi, pois, a noiva escolhida.

Imagine-se como ficaram furiosas as três princesas, ao verem-se, não somente rejeitadas mas, ainda por cima, descobertos os habilidosos artificios com os quais conseguiram, até então, iludir os incautos.

Ao menos eram novas as duas primeiras, mas a carcassa da velha, tendo-se-lhe derretido a perfeitíssima caraça de cera, caíra num ridículo tal, que ia estoirando de raiva.

De volta ao palácio ninguém podia fitá-la que não desatasse a rir às gargalhadas, apesar da severidade da etiqueta.

Ora, para grande perigo de quem a ofendia, esta velha gaiteira era uma bruxa temível neste ponto particular de todas as bruxas que, não podendo nem sabendo fazer nada de bom e de bonito, lhes é dado, para a prática do mal, um grande poder.

Fingiu-se conformada com o seu desastre e, em vez de retirar-se, como as outras princesas excluídas, deixou-se ficar no palácio, a pretexto de querer assistir aos festejos.

Esperou pacientemente pelo dia do casamento e na véspera à noite, transformada numa grande aranha, escondeu-se no quarto da noiva até que a viu deitada e adormecida.

Então, com tanto jeito e leveza que a pobrezinha nada sentiu, envolveu-a toda numa teia espessa e viscosa e retirou para os seus aposentos passando por baixo das portas, graças à sua transformação.

De manhã, acordando muito cedo, e sem esperar que viesse chamá-la a sua aia, a princezinha levantou-se e correu ao espelho, ansiosa por verificar se estaria nesse dia de bom parecer, de forma a não desagradar a um noivo tão exigente.

Qual não foi o seu horror ao achar-se desfigurada e mais feia ainda do que a última pretendente rejeitada do príncipe!

Os seus lindos cabelos loiros tinham desaparecido, achando-se agora tão calva como a sua rival de cabeleira postiça e por toda a cara e cabeça, manchas avermelhadas

como cicatrizes de queimaduras, envolviam-na numa espécie de lepra hedionda! Nem sobracelhas, nem pestanas guardavam os olhos arroxados de espanto!

Ao cair no chão desmaiada, a infeliz deu um grito que fez acudir todas as suas aias, mas nenhuma pôde reconhecer-lhe a naquele monstro que ali se via estendido no quar.

Por mais que a princesa, ao voltar a si jurasse que a ela, ninguém a quiz acreditar e toda a corte, assim como os próprios fidalgos do seu séquito, supuseram que tivesse havido uma substituição de pessoas e um rapto da linda noiva do príncipe.

Este desolado, mandou-a procurar por toda a parte e foi expulsar a mendiga horrenda que tivera, (como elle supunha) a audácia de tomar o seu lugar.

A pobre princesa, por pouco não foi acusada do crime de feitiçaria de que ella própria era a vítima e, receando esta injustiça a mais, fugiu para os campos coberta com um vestidinho usado, que uma criada do paço lhe deu por caridade.

No entretanto, como *palavra de rei não volta atrás*, o pai do noivo dera a sua em como o filho casaria no dia o seu vigéssimo quinto aniversário, a feiteiceira tomou o lugar da sua rival preferida.

O príncipe bem quiz esquivar-se a casar com aquella velha carcassa; mas como fugir ao seu compromisso e despedir os numerosos convidados, sem realizar a festa que tinha ali atraído?

Não houve remédio senão sujeitar-se ao ridículo papel de marido duma velha, elle que fôra o pretendido desdanhoso de tantas princesas novas, bonitas e elegantes!

— Quem muito escolhe, pouco acerta! — disse-lhe o pai, que, embora muito indulgente, não mostrava grande ternura quando se tratava de consolar o filho.

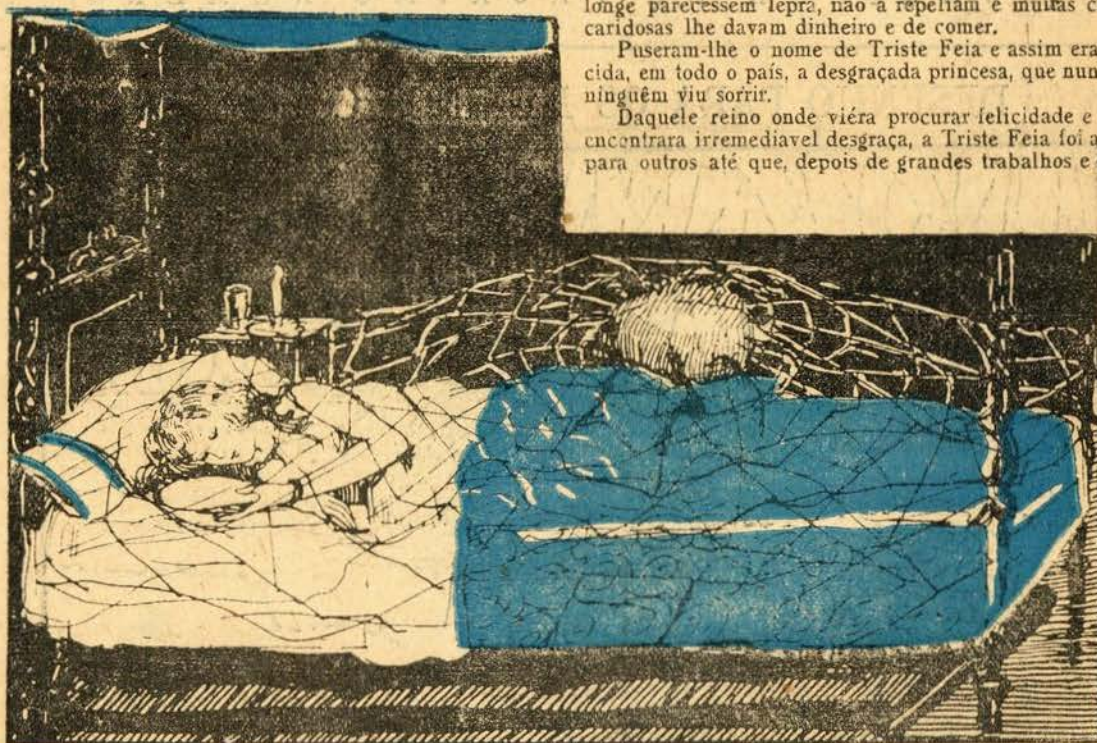
A consolação única deste, foi nunca mais dirigir nem olhar, nem a palavra à sua mulher depois de proibida de fabricar outra máscara, ficando assim desmascarada (a menos fisicamente), a velha impostora.

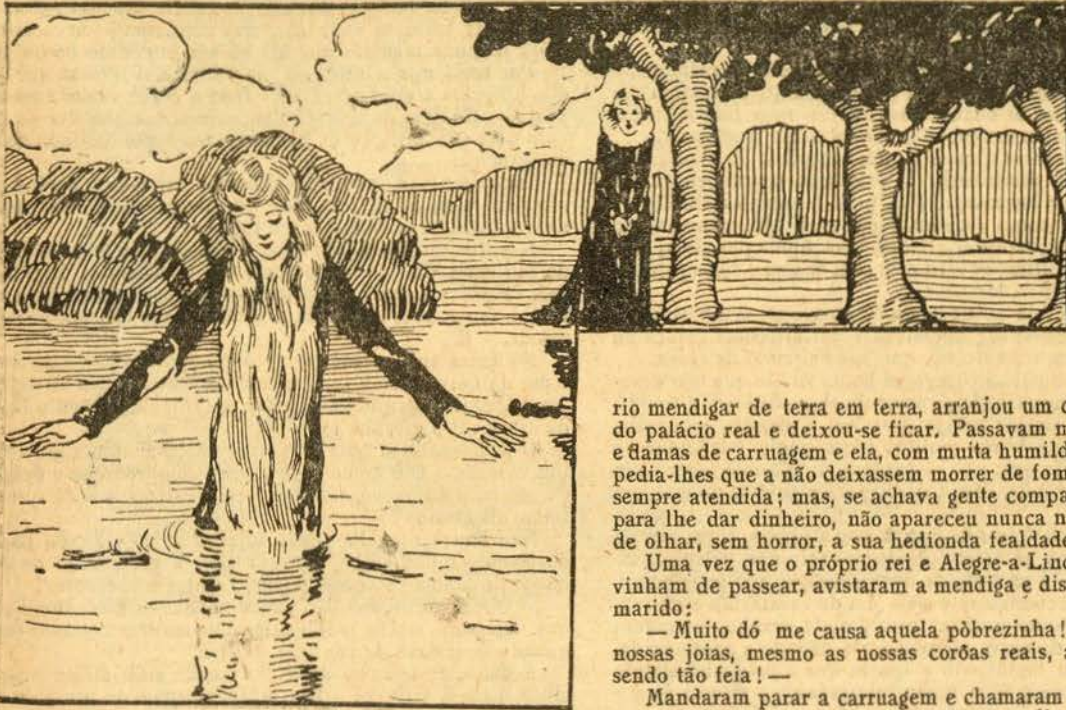
Da princezinha desaparecida sentia de cada vez mais saudades e ella, escoraçada por todos, não se atreveu a voltar logo à sua corte, onde certamente ninguém a reconheceria, a não ser pela voz, a sua própria mãe se vivesse ainda. Infelizmente esta morrera havia muito, e seu pai, sempre preocupado com guerras e intrigas políticas, não ouvira a primeira palavra que tentasse dizer-lhe aquelle monstro de tealdade em que se transformara sua filha.

Sujeitou-se pois a princesa à sua triste sorte, que era andar de terra em terra e de porta em porta, pedindo esmolas para não morrer de fome e, como as suas manchas desfigurantes não eram produzidas por doença de pele, embora e longe parecessem lepra, não a repelião e muitas criaturas caridosas lhe davam dinheiro e de comer.

Puseram-lhe o nome de Triste Feia e assim era conhecida, em todo o país, a desgraçada princesa, que nunca mas ninguém viu sorrir.

Daquelle reino onde viéra procurar felicidade e em que encontrara irremediavel desgraça, a Triste Feia foi andando para outros até que, depois de grandes trabalhos e fadigas,





veio à sua terra natal. Ali soube que o rei, seu pai, falecera e que um seu irmão, ocupando agora o trôno, ia casar brevemente com uma princesa tão bonita e risonha que lhe chamavam Alegre-a-Linda.

A' capital, chegavam já, de todos os pontos do reino e mesmo de países estrangeiros, caravanas de viajantes, para assistir às bodas reais.

A Triste Feia, esperando receber, de tanta gente rica, esmolas suficientes para se remediar ali sem lhe ser necessá-

rio mendigar de terra em terra, arranjou um cantinho perto do palácio real e deixou-se ficar. Passavam muitos fidalgos e damas de carruagem e ela, com muita humildade e tristeza, pedia-lhes que a não deixassem morrer de fome, sendo quasi sempre atendida; mas, se achava gente compassiva bastante para lhe dar dinheiro, não apareceu nunca ninguém capaz de olhar, sem horror, a sua hedionda fealdade.

Uma vez que o próprio rei e Alegre-a-Linda, já casados, vinham de passear, avistaram a mendiga e disse a rainha ao marido:

— Muito dó me causa aquela pobrezinha! Nem todas as nossas joias, mesmo as nossas corôas reais, a fariam feliz, sendo tão feia! —

Mandaram parar a carruagem e chamaram a infeliz,

— Como te chamas? — perguntou a mulher do rei.

— Deram-me o nome de Triste Feia, Rainha Alegre-a-Linda, — respondeu, — e já fui bonita, noiva, e filha de rei como tu! —

A soberana pensou que, além de horrenda, a mendiga sofresse também de desarranjo na cabeça e olhou, assustada para o marido. Este perguntou, zombeteiro:

— Quantos anos de velhice te foram precisos, para uma mudança tão grande? —

— Apenas três, Real Senhor! —

— E quem te roubou o titulo de princesa? — continuou o rei, supondo-a velha e maluca.

(CONTINÚA NO PRÓXIMO NÚMERO)

DESENHO PARA OS MENINOS COLORIREM



chegava com maiores calores ainda, e as claridades cegavam, descobriu uma terra, onde a verdura, os frutos e as flores tinham uma intensidade de cor, de gosto e de perfume, como em parte nenhuma elle vira ainda.

Uma criatura linda, que parecia vestida com o clarão da aurora, veio ao seu encontro, dizendo-se a Fada do Sol e prometendo fabricar-lhe um anel de noivado de qualquer modelo que elle pudesse desejar.

Levou o viajante para o seu palácio, onde lhe mostrou, transformado em joias, o oiro do sol. Eram pulseiras, fios, colares de contas, cadeias, tudo emfim que se possa imaginar como adornos de mulher.

Com as suas mãos pequeninas, a fada fabricava todas estas preciosidades, agarrando no ar os raios do sol e à vista do príncipe, surpreendido, assim esculpiu um anel delicadíssimo que lhe entregou. Mas apenas elle tocou o oiro mágico do anel, varreu-se-lhe da memória toda a lembrança da noiva e não recordou nada da sua vida anterior. Fascinado pela vista de todo aquele oiro, passava os dias e as noites em festas brilhantes, na companhia de muitas fadas e rapazes vindos de vários pontos do mundo e de tal maneira se habituou ao país do sol, que não quis mais sair de lá.

CAPÍTULO V

A PRINCESA VAI PROCURAR OS SEUS PRIMOS

Havia já quasi um ano que tinham partido os três príncipes e na corte estavam todos muito tristes por não haver notícias dos viajantes. O rei, sobretudo, afligia-se, pois receava morrer sem deixar a filha casada. Umaz vezes zangava-se, attribuindo-lhe a ella a culpa no desaparecimento dos sobrinhos, outras, tinha muita pena dela, supondo-a desarranjada do juizo.

A princesa sentia-se também afflittissima, receando que, por sua causa tivessem morrido os primos, mas não a mordiam remorsos porque não fizera mais que obedecer às vozes misteriosas dos sinos. Além disso nunca se poderia decidir a casar sem saber qual dos pretendentes lhe queria mais. Era essa uma das razões das suas recusas até então. Esperára acertar na escolha, aceitando aquelle que, com maior prontidão cumprisse o seu mandato, mas ia-se passando o tempo e nenhum d'elles voltava.

No dia em que fazia um ano que elles tinham partido, a princesa, ainda deitada, ouviu de manhã cedo, a voz longínqua dum sino que dizia assim:

— *Princesa, já te não casar! Perdeste o noivo por causa do vestido do noivado! Já te não casar, Princesa!*

Em seguida, pareceu-lhe ouvir uma risada de troça e tudo se calou.

Daí a alguns instantes, veio de muito longe e de lado diferente, outra voz de sino que falava assim:

— *Princesa, perdeste o noivo por causa do véu do noivado! Com quem casarás, Princesa?* E nova risada se seguiu a estas palavras.

Passados momentos, quando a filha do rei, já levantada, olhava da janela que dava para o nascente, soou uma terceira voz de sino falando-lhe e escarnecendo a sua tristeza.

— *Princesa, — dizia este sino, — já te não casar! Perdeste o teu noivo, aquelle que mais te queria, por causa do anel do noivado! Ele agora só quer o oiro e não te quer a ti!*

Ao ouvir esta última sentença, a princesa perdeu de todo o ânimo, pois era o príncipe mais novo aquelle que no seu intimo preferia e o que ella esperava regressasse primeiro. Sentiu-se afflittissima e arrependeu-se de ter escutado aquellas vozes misteriosas que a enganaram e agora, ainda por cima, a escarneciam!

Foi ter com o pai e, contando-lhe tudo, pediu-lhe licença para ir por esse mundo, procurar os príncipes perdidos por sua causa. O rei, já desconfiado de que a filha não estivesse boa do juizo, convenceu-se agora que ella a perdera inteiramente e caiu em grande tristeza, tanto mais que o seu povo continuava murmurando e os países vizinhos projectavam a conquista do reino tão depressa elle morresse sem herdeiros.

Não falou a ninguém na loucura da filha, mas mandou-a vigiar por pessoa da sua maior confiança ainda esperando que algum dos príncipes regressasse e a tomasse por aulher:

No entanto, apesar da vigilância que a cercava, a princesa deliberou escapar-se e nessa mesma noite conseguiu fugir, adormecendo a sua aia com uma bebida.

Vestiu-se com o fato dum pajem e, acompanhada do velho criado, montou a cavallo e partiu na direcção do sul. Fora de lá que viera a primeira voz e por isso queria começar por esse lado a sua expedição.

Quando chegou aos maravilhosos jardins da Fada do Luar, esta lá andava com as suas companheiras, talhano e cosendo um vestido de noivado que depois de pronto he vestiram; mas, quando assim preparada, a levaram ao alácio e a apresentaram ao primo mais velho, este não reconheceu, nem recordou a sua vida passada.

Então a Fada do Luar e as suas companheiras riram-se muito e disseram:

— Olhem a princesa sem noivo e já vestida pra casar: —

A princesa sem se ofender com estes gracejos, agradeceu o vestido às fadas, despediu-se delas e do primo e partiu em direcção do Norte.

Quando chegou às grandes florestas onde se julgara perdido o segundo príncipe, encontrou a linda Fada dos Cavalhos que lhe perguntou, muito amavelmente o que desejava.

— Venho procurar o meu noivo que se perdeu nestas terras, querendo arranjar-me o veu de noivado. —

A Fada escolheu para a viajante o mais lindo veu que ella tinha, enfeitou-a com elle e levou-a ao príncipe, mas exactamente como sucedera com o irmão, este olhou para ella sem a reconhecer e declarou sentir-se ali muito feliz não tencionando partir para parte alguma.

A Fada-rainha e as outras que a acompanhavam, riram-se ao presenciar esta scena e disseram:

— Olhem a noiva sem noivo, e já com o vestido e o veu para casar: —

A princesa não ligou importância a estas troças e despediu-se das fadas, agradecendo muito o veu.

Partiu immediatamente para o Reino da Aurora, onde chegou passado alguns meses.

A Fada do Sol veio ao seu encontro, perguntar-lhe-o que ella desejava.

— Procuo o meu noivo, — respondeu a filha do rei, — que se perdeu aqui para arranjar o meu anel de noivado. —

A linda fada sorriu-lhe amigavelmente e levou-a pelas ruas do seu jardim ao encontro do príncipe, que, na companhia de outras fadas e alguns conhecidos recentes, se divertia, jogando e comendo a deliciosa fruta das arvores.

Assim que viu a prima, largou tudo e embora o oiro mágico do anel lhe tivesse feito esquecer até então a sua vida passada, reconheceu-a immediatamente.

Tirou o anel de oiro reluzente, feito de raios de Sol e meteu-o no dedo da sua noiva, apresentando-a como tal na corte da Fada Aurora.

Estas e todos os fidalgos e damas festejaram entusiasticamente os príncipes num banquete dado em sua honra.

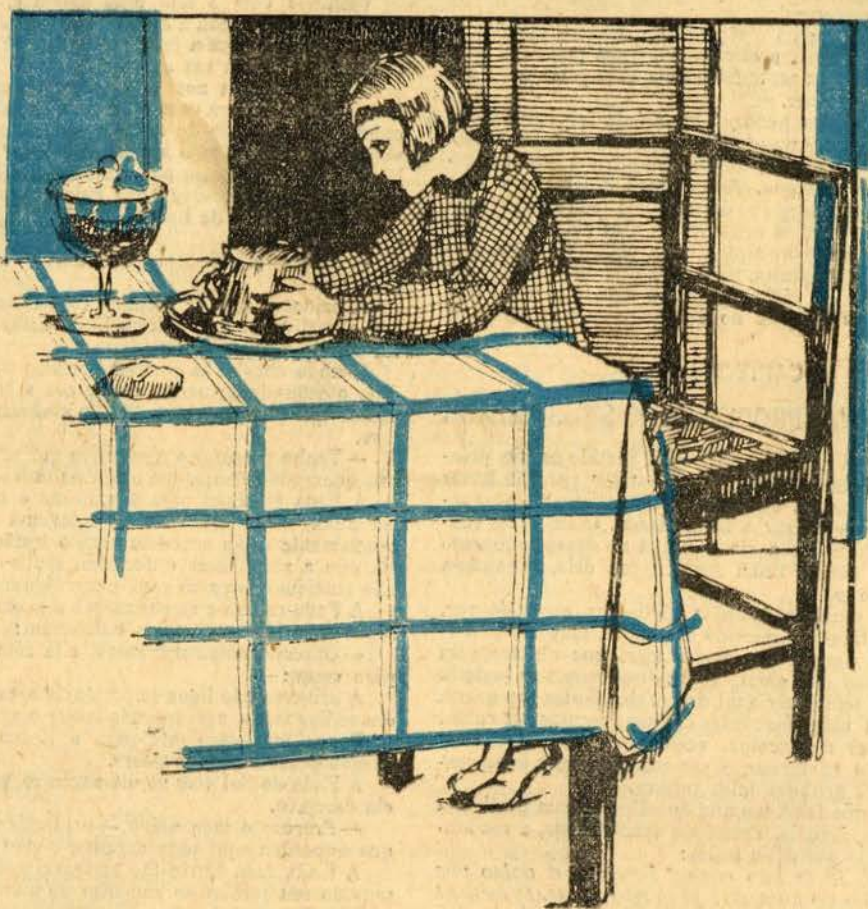
Depois da festa, a Fada do Sol explicou aos noivos que a sua intenção não fóra nunca separá-los, mas sim pôr à prova a sua dedicação um pelo outro e torná-los felizes.

Eles agradeceram todos estes benefícios e apressaram-se a regressar ao seu país, onde a inexplicavel ausência da princesa, causava a maior ansiedade.

O rei, supondo que a loucura tivesse arrastado à morte a sua filha, não esperava mais tornar a vê-la e muito menos ainda qualquer dos sobrinhos ausentes desde há tanto tempo. Imagine-se por isso a sua felicidade e a alegria que se espalhou por todo o reino quando a princesa regressou acompanhada do seu noivo.

Trajando o seu vestido de luar bordado a folhas de rosa e corações de acucenas, envolvida na névoa orvalhada do seu veu, a noiva a todos maravilhou nas festas esplêndidas do seu casamento, mas maior maravilha ainda foi o anel de raios de Sol, que deu aos noivos a mais perfeita felicidade.

FOI O GATO...



POR GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA

Rinhanháu
do Bébé,
é máu!...
lá isso é que é!...

Com pressa,
foi à travessa,
e papou, dum trago só,
um bolinho com recheio,
um pastel e um pão de ló!
... — Que feio, Jesus! que feio!...

Vem a Mamã — táu-táu-táu —
deu em Mestre Rinhanháu...

Bébé, assistiu à scena...
teve pena
mas calou...
e em sua cabeça feia
logo uma ideia
brotou.....

.....
.....
Á hora da sobremesa,
tudo à mesa!
— ... que canudo!...
Diz o criado,
coitado:
— Nem um pudim! um gelado!
Quem quer que foi comeu tudo!...»

... O Bébé... atrapalhado...
ao ver-se muito fitado,
põe os olhinhos no prato...

— Quem comeu?... Quem não comeu?... —

Diz o Bébé: — Não fui eu...
Ai! não fui eu...
fôí o gato...